

Os “aulões” nos espaços de privação de liberdade como ato de esperança

The “aulões” in the spaces of deprivation of liberty as an act of hope

“Aulões” en los espacios de privación de libertad como acto de esperanza

LUCIANA FERREIRA DA SILVA MORAES¹; ELENICE MARIA CAMMAROSANO ONOFRE²
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MATO GROSSO, SEDUC, CUIABÁ-MT, BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, UFSCAR, SÃO CARLOS-SP, BRASIL

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a atividade de preparo e desenvolvimento de aulas baseadas em um tema gerador e que acontecem em espaços de privação de liberdade nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande, estado de Mato Grosso. A questão que sulcou o estudo é: Como se desenvolvem os “aulões” como prática social libertadora em espaços restritivos de liberdade? Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, de observação participante, que ocorreu em reuniões do Pró-Escolas Formação na Escola - MT. Os dados coletados foram registrados em Diários de Campo e analisados à luz da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Os resultados evidenciaram que os “aulões” se apresentam como possibilidade de educação libertadora mesmo em um espaço com normas rígidas e opressoras como a prisão.

Palavras-chave: Processos Educativos. Educação de Jovens e Adultos. Espaços de Privação de Liberdade.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the preparation and development of classes based on a generating theme that take place in spaces of deprivation of liberty in the municipalities of Cuiabá and Várzea Grande, state of Mato Grosso. The question that guide the study is: How do the “aulões” develop as a liberating social practice in spaces that restrict freedom? This is a qualitative research, of participant observation, which took place in meetings of the Pro-Schools Training at School – MT. The data collected were recorded in Field Diaries and analyzed in light of the Content Analysis of Laurence Bardin. The results showed that the “aulões” present themselves as a possibility of liberating education even in a space with rigid and oppressive norms like prison.

Keywords: Educative Processes. Youth and Adult Education. Spaces of Deprivation of Liberty.

RESUMEN

El propósito de este estudio es analizar la preparación y desarrollo de clases basadas en un tema generativo que se desarrollan en lugares de privación de libertad en los municipios de Cuiabá y Várzea Grande, estado de Mato Grosso. La pregunta que guio el estudio es: ¿Cómo se desarrollan los “aulões” como práctica social liberadora en espacios que restringen la libertad? Se trata de una investigación cualitativa, de observación participante, que se llevó a cabo en los encuentros de Formación Pro-Escuelas en la Escuela – MT. Los datos recopilados se registraron en Diarios de Campo y se analizaron a la luz del Análisis de Contenido de Laurence Bardin. Los resultados mostraron que los “aulões” son una posibilidad de educación liberadora incluso en un espacio con normas rígidas y opresivas como la prisión.

Palabras clave: Procesos Educativos. Educación de Jóvenes y Adultos. Espacios de Privación de Libertad.

¹ Doutora em Educação pela UFSCar. Professora da Educação Básica da SEDUC/Cuiabá-MT. E-mail: lucianaferreiramoraes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7215-6747>.

² Doutora em Educação, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSCar), linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos. Grupos de Pesquisa: “Práticas Sociais e Processos Educativos” e “Núcleo de Investigação e Práticas em Educação para os Espaços de Restrição e Privação de Liberdade – EduCárceles/UFSCar”. E-mail: leonofre@ufscar.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3623-4728>.

ESPERANÇAR É PRECISO!

A proposta de formação continuada dos profissionais da educação básica está inserida nas políticas públicas para os espaços formativos no estado de Mato Grosso. No início de cada ano, as escolas formulam um Projeto de Formação Continuada³, a partir de Orientativo⁴ elaborado pela Superintendência de Políticas de Desenvolvimento Profissional (SPDP).

Alicerçado neste contexto, as ações formativas desenvolvidas pelos profissionais da educação básica da rede estadual de Mato Grosso acontecem no espaço escolar por meio de um projeto de estudo elaborado “[...] a partir de um diagnóstico situacional com o emprego de técnicas e recursos que apontam as potencialidades, necessidades e dificuldades dos estudantes no âmbito do processo de ensino e aprendizagem” (MATO GROSSO, 2018, p. 2).

Nesse estado, encontramos uma unidade escolar específica para a educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade, a Escola Estadual Nova Chance. Sua sede está localizada em Cuiabá, todavia, ela possui salas de aulas localizadas em prisões de diversos municípios mato-grossenses. Essa unidade escolar (que iniciou suas atividades com base em uma parceria estabelecida entre Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/MT) e Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública) é mantida e administrada pela Secretaria de Estado de Educação em consonância com as determinações legais emanadas pelo Conselho Estadual de Educação. Assim sendo, os professores⁵ que atuam nas salas de aula localizadas nas prisões também participam destas ações formativas.

Em consonância com os documentos que orientam a formação continuada (os orientativos), os professores dessa unidade escolar, em reuniões formativas, discutem os desafios em que se apresentam a prática educativa nos espaços de privação de liberdade localizados em Cuiabá e Várzea Grande. Nesses diálogos, esperançosos com a melhoria da aprendizagem dos estudantes, falam sobre as dificuldades e potencialidades daqueles, apresentando, os professores, a sua prática pedagógica, em especial, aquelas aulas desenvolvidas mensalmente ou quinzenalmente nos espaços de privação de liberdade. Essas aulas, oriundas de um trabalho colaborativo entre os professores e estudantes e ancoradas em temas geradores são chamadas por esses professores de “aulões”.

Todavia, “[...] a educação em espaços de privação de liberdade apresenta-se como um fenômeno complexo, uma vez que o contexto prisional se revela singular” (ONOFRE; JULIÃO, 2013, p. 54). Nesse local, de acordo com estes autores, encontram-se duas lógicas opostas sobre o processo de reabilitação; enquanto a educação é, por essência, um processo que visa à transformação, a cultura prisional é “[...] caracterizada pela repressão, ordem e disciplina, que visa adaptar o indivíduo ao cárcere” (ONOFRE; JULIÃO, 2013, p. 53). Partindo de tal premissa, ainda é um desafio desenvolver uma educação libertadora nesse local. Isto posto, os “aulões” são atos de esperar dos professores que se desdobram em dois sentidos: primeiro, a espera por dias melhores, por melhoria da aprendizagem dos estudantes e condições de trabalho desses profissionais; segundo, como uma ação de resistência ao universo de normas e da prisão, conforme descrevem Onofre e Julião (2013).

³ Ele já teve várias nomenclaturas: Sala de Professor e, posteriormente, Sala de Educador. Em 2016, a portaria n° 161/2016/GS/SEDUC/MT (MATO GROSSO, 2016) instituiu o Projeto de Estudos e Intervenção Pedagógica - PEIP. Em 2018 (ano da coleta dos dados que compõem esse estudo), essas ações formativas passam a ser denominadas Pró-Escolas Formação na Escola-PEFE. Apesar dessas mudanças, a escola permanece como locus formativo e o acompanhamento das reuniões formativas se mantém como atribuição dos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica- Cefapros.

⁴ Este documento apresenta as diretrizes para a Formação Continuada (desenvolvida nos espaços formativos em Mato Grosso) incluindo as etapas de elaboração, realização e certificação dos estudos.

⁵ Utilizamos a palavra professores como uma maneira de uniformizar a escrita. Professores se refere às professoras e aos professores.

Diante a tal entendimento, também assumimos esse estudo (um recorte de pesquisa de doutorado – Moraes, 2020) como ato de esperar. Ancorando-nos em uma pesquisa qualitativa, participamos durante um semestre das reuniões formativas. “Semelhantes à Penélope, os pesquisadores qualitativos tecem fio a fio os procedimentos metodológicos” (MORAES, 2020, p. 39). De acordo com Sampiere, Collado e Lúcio (2013, p. 416-417), para os estudos qualitativos “[...] os dados que interessam são conceitos, percepções, imagens mentais, crenças, emoções, interações, pensamentos, experiências, processos e vivências manifestadas na linguagem dos participantes, seja de maneira individual, grupal ou coletiva”.

Para a coleta dos dados assumimos como método a pesquisa de campo, por entendermos que “[...] o termo genérico ‘campo’ pode designar uma determinada instituição, uma subcultura, uma família, um grupo específico de pessoas com uma biografia especial” (FLICK, 2009, p. 109-110). A opção por esse método nos levou à escolha de um grupo específico de pessoas: os professores participantes do Pró-Escolas Formação na Escola-PEFE e que lecionam em espaços de privação de liberdade nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande, Mato Grosso.

Por meio da observação participante, um “[...] processo de observação no qual o pesquisador participa ativamente como membro do grupo que ele próprio está estudando, utilizando esta posição privilegiada para obter informações acerca desse grupo” (APPOLINÁRIO, 2011, p. 136-137), estudamos e aprendemos com eles. E quando convidados, fomos, finalmente, conhecer como acontecia um “aulão”.

Ainda, realizamos entrevistas. Escolhemos a entrevista narrativa pela compreensão da liberdade para os professores dizerem a sua palavra, tendo em vista que a “[...] técnica recebe o seu nome da palavra latina narrare, relatar, contar uma história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p. 93). Minuciosamente, todas as informações obtidas nesse processo foram registradas em diário de campo “[...] uma espécie de diário pessoal” do pesquisador (SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 392).

De posse desse material, seguimos as orientações de Bardin (2016) para a organização da análise de dados a partir da realização das seguintes ações: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Pacientemente, fizemos uma pré-análise do material separando os trechos de textos que coadunam com o objetivo desse estudo que é analisar as aulas com características tão específicas e singulares que acontecem em espaços de privação de liberdade nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande, estado de Mato Grosso e, posteriormente, realizamos a análise e a interpretação dos dados.

Com a finalidade de responder a questão: como se desenvolvem os “aulões” nos espaços de privação de liberdade nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande?, inspiramo-nos na esperança de Penélope, uma heroína mítica grega que (des)tece o seu tapete à espera de Ulisses, o seu amado que fora para a guerra. Assim como a heróina, nutrimos-nos da esperança como uma espera, mas também, não perdemos de vista a necessidade da ação.

A ação de (re)ler os dados e analisá-los em um momento posterior à sua coleta, evidenciou que não somente a pesquisa ou o “aulão” é um ato de esperar, mas a vida também é. Por esse motivo, esperar é preciso! Em tempos de pandemia, a esperança continua sendo um elemento indispensável para a sobrevivência; ela alimenta a luta e a luta incansável contribui não só para a busca pela garantia de direitos à educação, mas visa também a continuidade da vida.

OS “AULÕES” NOS ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Os “aulões” se constituem em aulas diferenciadas desenvolvidas por professores que atuam nas salas de aula nos espaços de privação de liberdade em Cuiabá e Várzea Grande,

estado de Mato Grosso. Esse evento de natureza pedagógica, muitas vezes, agrega o uso de tecnologias, como o uso de *datashow*, computador e caixas de som, com a finalidade de utilizar-se de vídeos e músicas no processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos.

A permissão para o uso de materiais tecnológicos nos espaços de privação de liberdade, concedida por profissionais responsáveis pela educação e ou segurança, é uma questão ainda intrincada, uma vez que a segurança determina as regras para a educação escolar. Nessa perspectiva, tanto nas aulas como nos “aulões”, o uso é flexibilizado. Sobre o assunto, Professora Afrodite⁶ declara:

Sempre quando a gente tem esse tipo de aula ou outras atividades pedagógicas é autorizada a entrada de notebook, pen drive e microfone com caixinha. Só que recolhe quando termina [...]. Se for pra assistir um filme eu peço autorização, aí eu levo. A gente já assistiu filmes com elas [...]. Aí você tem que selecionar um filme bom para elas assistirem, a gente tem que ter cuidado na escolha do filme, né (Entrevista narrativa com a professora Afrodite, 26 jul. 2018).

Para a utilização dos materiais, como anteriormente explicitado, os professores precisam pedir autorização. Em conversa com um orientador pedagógico, durante os intervalos das reuniões formativas, ele nos explicou que na Penitenciária Central de Cuiabá, por exemplo, esse documento vale por noventa dias, e depois desse período, o professor solicita renovação. Contudo, cada unidade possui uma organização diferenciada para isso.

A realização de entrevistas narrativas, as inserções nas reuniões formativas semanais dos professores e uma ida à Penitenciária Feminina, foram momentos que contribuíram significativamente para a compreensão desse modo de construção do conhecimento com os estudantes. Desse modo foi possível identificar que:

Esse “aulão” é a cada quinze dias, é o antigo tema gerador. Pega aquele tema e você vai trabalhar esse tema, por exemplo, o último “aulão” foi sobre trabalho, profissão e produtividade. É como se eu partisse de tema para depois deslanchar ele lá na sala de aula trabalhando diversas atividades com eles/elas (Entrevista narrativa com Professora Afrodite, 26 jul. 2018).

O tema gerador mencionado pela professora Afrodite se refere a um conceito utilizado por Paulo Freire (2011). Este autor nos explica, que a partir da investigação social, da análise do universo vocabular dos jovens e adultos, de seu modo de ser e estar no mundo, emergem os temas e as palavras geradoras que são elementos da educação problematizadora. Esta, por sua vez, na etapa da alfabetização, “[...] busca e investiga a ‘palavra geradora’, na pós-alfabetização, busca e investiga o tema gerador” (FREIRE, 2011, p. 142). Ao mencionar que os temas das especificidades das aulas são semelhantes aos temas geradores, significa que esses professores trazem em sua intencionalidade pedagógica algumas das opções dos professores progressistas: um tema gerador pelo qual se nutre o diálogo.

Movidas pela curiosidade, perguntamos à professora Afrodite de que maneira são escolhidos esses temas. Ela explicou que “[...] na escola se reúne a equipe pedagógica e seleciona os temas e a gente também contribui com temas pertinentes” (Entrevista narrativa com a Professora Afrodite). Significa isso, que, os professores ao selecionarem os temas, o fazem por considerarem a realidade dos estudantes, assim como, a convivência com eles. Com o intuito de aprofundar este assunto, perguntamos em que local aconteciam esse evento pedagógico:

⁶ Para a garantia de anonimato aos professores, foram utilizados nomes fictícios que se referem a nomes de personagens da mitologia grega.

Depende da unidade, cada espaço de privação de liberdade tem uma realidade. Lá no Feminino a gente se reuniu dentro do auditório⁷ e aí a gente apresentou. Eu sou a única professora do Primeiro Segmento e aí Ensino Fundamental tem três, né. Aí, a gente se reúne e monta a partir do tema e cada um contribui dentro da sua área de conhecimento a apresenta. Dessa vez, no feminino deixou de ser muito técnico, porque para os meninos é mais técnico, mas para as meninas precisava ser mais motivador, para que elas participassem [...] conversamos com elas sobre profissões, passamos o filme da Maria⁸, aí elas falaram como foi a história de vida delas o que impediu elas de estudarem [...], então, foi muito produtivo nesta parte (Entrevista narrativa com a professora Afrodite, 26 jul. 2018).

Ao afirmar que cada professor contribui com a sua área de conhecimento, identifica-se nessa prática nuances da interdisciplinaridade, ou seja, o diálogo entre as disciplinas, em um mesmo momento de aprendizagem. Freire (2011) defende a ideia da coletividade no processo educacional e para este autor, há um movimento dialético no qual quem ensina aprende e ao aprender, ensinamos. Sendo assim, a libertação, nessa perspectiva, passa por um processo de revolução movida pela força intelectual que pode ser potencializada por meio da educação dialógica, como aquela que traz em seu bojo o diálogo e a união entre as pessoas. Mediante a essas aulas, busca-se a união entre a comunidade, equipe técnica, professores e, também, estudantes.

Durante o processo do planejamento dos “aulões”, essa união é perceptível entre os professores por meio da troca de ideias, sugestão de alguns materiais, como textos, vídeos ou músicas e, ainda, na organização dos materiais tecnológicos (*notebooks* e *datashow*) a serem utilizados. Sendo assim,

O professor do prisional sabe se virar, se eu tenho um cabo de conexão eu levo, se o outro tem o cabo ele leva [...] porque a gente sabe que a escola está distante e a gente como professor, a gente se reveza, Ah, traz isso, Ah, faz aquilo porque é um trabalho em conjunto (Entrevista narrativa com a Professora Afrodite, 26 jul. 2018).

A coletividade está presente nesse grupo de professores por meio das seguintes ações: planejamento de uma aula, cujo caráter é muito específico, com participação e contribuição de todos os professores da unidade escolar, tendo em vista, sobretudo, sua área de atuação; segundo, quando eles organizam o material para a sua realização, cada um leva um item, se acaso, este faltar para a conexão dos aparelhos. O uso da expressão “o professor do prisional sabe se virar” demonstra a autonomia e empenho dos docentes e, ainda, compromisso com a prática educativa.

Considerando a mobilização dos professores em prol do desenvolvimento da prática educativa, com o objetivo de aprofundar a análise, seria interessante e importante conhecer como se desenvolve essa prática em um espaço de privação de liberdade. Posto isto, aceitamos o convite feito pela coordenadora da educação na Penitenciária Feminina para participarmos deste momento.

Na tarde do dia 13 de agosto de 2018, seguimos até uma sala localizada ao lado esquerdo do local de entrada, notei que algumas mudanças aconteceram desde a época da realização da pesquisa de mestrado, no período compreendido entre os anos de 2011 e 2012, uma delas é o novo local da sala dos professores. Antes, estava localizada ao fundo das salas de aula, hoje a encontramos nas proximidades do

⁷ A professora também afirmou que essas aulas diferenciadas acontecem na sala de aula, ou seja, não são restritos ao espaço do auditório. Durante uma visita à unidade, esse evento de natureza pedagógica aconteceu na quadra de esportes.

⁸ Esse filme foi utilizado em umas das reuniões formativas e, posteriormente utilizado com os estudantes. Pode-se dizer que algumas aprendizagens das reuniões formativas são replicadas para os estudantes.

portão de entrada. Trata-se de um espaço pequeno, porém, aconchegante com um aparelho de ar condicionado e três mesas (acompanhadas com cadeiras). Tem alguns armários de aço com os nomes dos professores em suas portinholas para que guardem os seus materiais pedagógicos e pertences pessoais. Ainda, havia uma pilha de cadernos de dez matérias e em suas capas estavam cuidadosamente identificados por Segmentos. Neste local, há uma cortina azul e um banheiro limpo e confortável, em uma das mesas a presença marcante da Bíblia Sagrada (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

Ao adentrarmos à Penitenciária Feminina, local no qual desenvolvemos a pesquisa no curso de Mestrado, em uma Universidade Federal de Mato Grosso, notamos algumas modificações, por exemplo, o local que agora abriga a nova sala dos professores e, ainda, a presença do detector de metais⁹. A modificação do local de permanência dos professores pareceu-nos positiva, pois no caso de uma rebelião, os professores estariam na parte frontal da penitenciária, próximos ao portal de saída e não ao fundo da unidade escolar, como a sala de professores anterior, que estava localizada ao final do pavilhão escolar. As salas de aula, por sua vez, estão localizadas ao lado direito do corredor principal desta unidade. Nesta tarde,

Às quinze horas, fomos convidados para descer até a quadra de esportes. Seguimos em direção ao detector de metal, formamos uma pequena fila e cada um tirou seus pertences com metais e colocamos em uma bandeja de plástico e passamos; os nossos celulares permaneceram nos armários das salas dos professores. Quando chegou a minha vez, eu retirei meu relógio, meu cinto, e quando fui passar no detector a coordenadora P16 me sugeriu que eu retirasse os óculos e assim o fiz. Finalmente, entramos (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

Logo após passarmos pelo detector de metais, seguimos para o local no qual aconteceria o “aulão”. Ao adentrarmos o corredor e passarmos em frente ao pavilhão escolar, observamos que a atividade seria realizada em outro espaço. Nesses tipos de aula, é comum a utilização de um espaço não escolar, como uma quadra, auditório ou pátio para permitir a participação de um maior número de pessoas. Esse evento pedagógico permite o encontro de turmas de estudantes do ensino fundamental e médio da modalidade EJA. Com isso, propicia-se também uma maior interação entre os estudantes, em que questões de ordem acadêmica (intelectuais) fluem com mais e maior naturalidade, corroborando, dessa maneira, em significativa aprendizagem por parte deles.

Nessa tarde, seriam apresentados alguns trabalhos produzidos pelas estudantes e suas professoras, por isso a nomenclatura “Feira do Conhecimento”. Seguimos pelo corredor e, ao final deste, entramos na quadra localizada ao lado direito, local escolhido para a realização do evento. Nesse espaço,

A limpeza e a organização eram visíveis, os muros eram muito altos e pintados de branco, nem pareciam que jogavam bola por ali, já que os muros estavam com a pintura impecável. Próximo a eles, estavam os trabalhos pedagógicos feitos pelas professoras e as estudantes, observei um varal de poemas, a Floresta dos “Bereus” feita pela turma da Professora Afrodite, a alfabetizadora e, ainda, a releitura da obra Abaporu de Tarsila do Amaral feita pelas estudantes de outra turma (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

Entre os trabalhos desenvolvidos, nos chamou a atenção a Floresta dos Bereus, representada na figura 1. As árvores da floresta foram confeccionadas em material EVA e, no momento da apresentação dos trabalhos das estudantes, estavam penduradas em suas

⁹ Trata-se de equipamento que utilizam campos magnéticos para identificar a presença de metais.

folhagens os bereus, espécie de bilhetes que servem para mandar recados, pedidos ou agradecimentos.

Figura 1: A Floresta dos Bereus.



Fonte: Imagem cedida pela Professora Afrodite.

Nos espaços de privação de liberdade, cartas e bilhetes são textos muito utilizados pelas pessoas que ali se encontram. No caso dessa Penitenciária Feminina,

[...] as linguagens gritam, sussurram e se cruzam formando uma grande teia, algumas pessoas para diminuir esse tempo ocioso leem livros religiosos, outras cantam hinos protestantes e se rendem a experiências religiosas, há um vai-e-vem de cartas e “*bereus*” (SCARIOT, 2013, p. 176).

De modo geral, os trabalhos apresentados pelas estudantes demonstram textos e temas que dialogam com a sua realidade, a de mulheres que estão em privação de liberdade, mas que em breve, retornarão ao convívio social. Observamos a presença das imagens, neste caso, o Abaporu e, também, os bilhetes, textos que circulam na esfera de privação de liberdade. Ainda, conversamos com uma estudante de 22 anos proveniente de Sinop-MT. No momento da observação dos trabalhos, que aconteceu ao final desse evento, “[...] esta última nos apresentou o trabalho sobre a trajetória da mulher na história” (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018). No início desta atividade,

A coordenadora cumprimentou todos(as) e iniciou as apresentações dizendo o nome de cada pessoa que estava ali presente e nos agradeceu por prestigiarmos este evento. Em seguida, uma professora iniciou as atividades pedagógicas a partir do tema cultura. Primeiramente, apresentou o conceito de cultura. Logo, as estudantes fizeram uma espécie de jogral, cada uma delas levantava da cadeira e dizia uma frase complementando o que a professora havia dito sobre o tema. Em algumas cadeiras era visível uma pombinha vermelha, símbolo de uma instituição religiosa de origem protestante. Ainda, havia a presença do pastor no evento. Inicialmente, as estudantes ficaram envergonhadas, acredito que pelo fato da presença de algumas pessoas “de fora”, neste caso, eu e o candidato a um cargo político nas eleições deste ano (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

Algumas atrações diferenciadas foram apresentadas, por exemplo, o comparecimento de voluntários externos à unidade para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem das

estudantes, conforme o trecho descrito no Diário de Campo XI, com a descrição dos principais acontecimentos desta tarde:

Hoje, em Cuiabá no período vespertino fez muito calor, por volta de uns 38 graus. O sol flamejava. Apesar do clima escaldante, houve também a apresentação do Siriri, uma dança típica de Mato Grosso. O grupo era formado por três casais que dançavam sem parar. As mulheres vestiam saias cumpridas, rodadas e floridas, já os homens usavam chapéus, calças e camisas. Ao olhar para os cabelos das moças morenas e cuiabanas, lembrei-me de minha cor e de meu cabelo, afinal, também sou cuiabana. Os cabelos castanhos escuros das bailarinas brilhavam no sol e bailavam sob ele, parecia que eu dançava também, todos acompanhavam a apresentação com atenção e o grupo foi aplaudido várias vezes e algumas toadas foram acompanhadas por palmas (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

A partir da apresentação de uma espécie de dança típica de Mato Grosso acompanhada por versos cantados, o Siriri, por meio da observação da apresentação dos três casais de jovens, afirmamos que:

Foi um momento no qual a cultura mato-grossense dialogou com a minha memória cultural que teimava em não se afastar desse ritmo, desta terra, do calor do clima e de meus conterrâneos. Foram apresentadas em torno de cinco músicas, estas tinham frases que faziam referência também a nossa cultura, por exemplo: *eu vou dançar o siriri lá em Cuiabá*, citavam a viola de cocho (instrumento musical de cordas utilizado nesta região que se assemelha à viola) e os santos de origem católica típicos da região. Ao final da apresentação, ouvi uma estudante dizer com um sotaque bem cuiabano: queimou os pés delas esse “tchão quenteee”! Todos nós sorrimos (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

O trabalho pedagógico envolvendo como tema gerador “Cultura”, em nosso entender, se assemelha a algumas características da educação libertadora. No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2011) ao escolher os temas geradores e palavras geradoras, a partir do cotidiano vivido pelos estudantes, considera a cultura em que estão inseridos. Para este autor, a pessoa:

[...] criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo - o da História e o da Cultura (FREIRE, 1979, p. 41).

Para Freire (1979), ao dialogar, o educador dialoga com os educandos sobre alguma coisa e, no caso do jovem e adulto, seria o conteúdo programático. Para contribuir com a superação sobre a sua compreensão mágica e ingênua da realidade, o autor recorre ao conceito antropológico de cultura. Nesse sentido, é importante trabalhar com esses jovens e adultos, mesmo que na fase de alfabetização, “[...] o papel ativo do homem em sua e com a sua realidade” (FREIRE, 1979, p. 109). Ainda, discutir sobre a cultura resultante de seu trabalho, de seu esforço de (re)criação, como aquisição sistemática da experiência humana para que possam descobrir-se “[...] criticamente como fazedor desse mundo da cultura” e não como meros objetos (FREIRE, 1979, p. 109).

A importância do trabalho envolvendo a cultura na Educação de Jovens e Adultos pode ser identificada nas palavras de Freire (2011; 1979), na emoção manifestada pela pesquisadora, ao ver as cuiabanas dançando freneticamente e trazendo à tona sua memória cultural. Ainda, as palavras proferidas pela estudante com a sonoridade do dizer cuiabano “*Tchão quente*” expressa a manifestação de sua cultura, do modo de falar do seu povo. A declaração feita pelo diretor para as estudantes reforça o nosso posicionamento quanto à

importância do trabalho pedagógico envolvendo o tema gerador “cultura” nessa modalidade de ensino:

O diretor de forma acolhedora discursou e entre suas palavras destacou-se o seguinte trecho: A dança, por um instante, fez-nos esquecer que estamos em um espaço de privação de liberdade. Concordo plenamente, o ritmo é envolvente, música nos traz boas energias e alegria. Ainda, realizou um sorteio de brindes para as estudantes, entre eles, observamos uma caixa parecida com uma embalagem de ventilador. Após o sorteio, começou a apresentação dos trabalhos feitos pelas estudantes e suas professoras. Passeamos em cada mesinha observando-os (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

Podemos dizer que, durante a atividade, o momento do sorteio de brindes também foi carregado de alegria e descontração. A cada número sorteado tínhamos uma torcida por parte das estudantes para terem seus respectivos números contemplados, aplausos para as ganhadoras e expectativas positivas quanto aos brindes. Após o sorteio,

Ao rodear as mesinhas, reencontrei Bia, eu a abracei muito forte e disse-lhe estou feliz por te ver e ao mesmo tempo triste porque ainda está aqui, perguntei o porquê voltou. A estudante me disse que nunca saiu. Logo, lembramos da data que nos conhecemos, ano de 2012. Esta estudante está muito bonita, possui pele morena e cabelos alisados e pintados com um tom avermelhado, nem parece que se passaram seis anos. Falei a ela sobre o seu talento e do sucesso da sua releitura do quadro a mulher chorando, atividade feita durante umas das aulas que assisti na Sala do Primeiro Segmento. Prometi que irei publicar a dissertação com esta pintura em forma de livro. Conversamos, ela me contou que não faz mais parte da turma do Primeiro Segmento e que já está terminando os estudos e me disse que gostaria de ler, saber o que eu escrevi sobre ela (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

Além da oportunidade de conhecer e partilhar deste momento com o grupo de professores e estudantes, ainda:

Participamos do momento do lanche, tomamos refrigerante acompanhado por um delicioso cachorro quente. Despedimo-nos e seguimos um pouco antes dos professores para a sala dos professores, local que estávamos reunidos anteriormente. É importante salientar que algumas coisas mudaram, as crianças não estão mais na sala de aula e a creche está fechada. Pareceu-me também que a relação das estudantes com equipe dirigente, em especial, a coordenadora da Sejudh é muito amistosa (DIÁRIO DE CAMPO XI, 13 ago. 2018).

As apresentações dos professores durante as reuniões formativas do PEFÉ nas quais nos inserimos, trouxeram em seu primeiro momento, os seguintes aspectos: como aconteceram os “aulões”, o conteúdo trabalhado, de que maneira foi trabalhado e a percepção dos estudantes durante o processo de ensino e aprendizagem. A convivência com o grupo de professores e a realização das entrevistas narrativas, como também, a ida à Penitenciária Feminina, além de vivenciarmos o que é essa atividade formativa, também nos permitiram evidenciar alguns desafios e proposições sobre eles. De acordo com a coordenadora pedagógica Hebe, ainda persiste um desafio:

Eu acho que o maior desafio é fazer o meu professor entender e compreender que ele tem que estar buscando sempre materiais e outros meios para que o meu aluno consiga aprender, porque quando eu vou nestas unidades o que eu mais percebo assim é que os alunos precisam participar mais, porque o aluno que está lá dentro está meio estagnado, ele parou no tempo (Entrevista narrativa com a coordenadora pedagógica Hebe, 30 jul. 2020).

Durante as reuniões formativas desse grupo de professores identificamos que este pode ser um momento que traga inquietações que serão discutidas nos diálogos construídos nas aulas posteriores. No Diário de Campo VII, a Professora Aura afirmou que ao retornarem à sala de aula, os estudantes expuseram sua preocupação sobre o mundo do trabalho, ainda que embora, durante a atividade, muitos deles permaneçam quietos, calados. A partir deste tema discutido anteriormente, um deles questionou o seguinte: “Professora, eu vou ter um diploma, eu vou ter uma profissão, mas quem vai contratar um bandido?” (DIÁRIO DE CAMPO VII, 12 jul. 2018).

Além da necessidade apontada pela coordenadora pedagógica Hebe, de uma maior participação do estudante durante a atividade, para não correremos o risco que se desenvolva neste momento uma prática bancária, aquela criticada por Freire (2011) como a que enche as cabeças dos educandos de falso saber, no decorrer das reuniões formativas obtivemos a seguinte proposição para este acontecimento:

Quando se refere ao lugar que estamos para o lugar que queremos ir, o coordenador pedagógico Urano sugeriu ao grupo que todas as ideias propostas são relevantes para a realidade deles. Ainda, quanto à organização da apresentação, propôs que poderia partir dos alunos. Para ele, a ideia para esse momento seria jogar os problemas que acontecem no mundo e que direta ou indiretamente eles estão sendo atingidos e que isso pode chamar a atenção deles para que possam questionar, citando como exemplo o caso do lixo na sociedade. Professor Ares disse que isso nos remete a uma questão colaborativa (DIÁRIO DE CAMPO VI, 05 jun. 2018).

As proposições feitas pelo Professor Ares nos revelam a preocupação da união das pessoas, num caráter colaborativo e de uma educação feita por eles e não para eles, assim como defende Freire (2011). Já a proposição feita pelo coordenador pedagógico também nos remete a uma segunda ideia de Freire (2016), a de que a formação continuada dos professores deve insistir na constituição deste saber: o diálogo. Mas, como desenvolver uma prática dialógica “[...] sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?” (p. 134). Daí a importância de uma educação feita a partir da/e para a realidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO “AULÃO” COMO ATO DE ESPERANÇA

Alguns elementos emergem no decorrer da atividade. Em sua composição seja ela teórica ou prática, a partir de um trabalho coletivo, os professores buscam fazê-lo como um momento de comunhão entre homens e mulheres que estão em privação de liberdade, visando a sua conscientização rumo à libertação intelectual. Trazendo como pressuposto a interdisciplinaridade, é um momento de troca de saberes entre estudantes e professores de diferentes segmentos. O “aulão” apresenta a possibilidade de construção de conhecimentos. Todos os seus itens de composição convergem para o seu elemento principal, os temas geradores. Estes, por sua vez, por meio da (de)codificação podem resultar em momentos importantes de aprendizagem para os estudantes.

No caso da cultura, tema gerador da aula na qual participamos, vemos neste uma oportunidade de aprendizagem para os estudantes de que “[...] tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor” (FREIRE, 1979, p. 109). Na Educação de Jovens e Adultos em privação de liberdade, o tema gerador cultura é a possibilidade de inserirmos a problematização necessária para a realização de uma educação dialógica.

A discussão na prática educativa em torno de um tema pertinente à realidade dos estudantes, a partir da participação de professores que representam diferentes áreas do

conhecimento e, ainda, a participação de estudantes de diferentes segmentos num mesmo tempo e espaço de aprendizagem nos remete à comunhão das pessoas defendida por Freire (2011), processo no qual e pelo qual, juntos, podem ensinar uns aos outros, aprender uns com os outros a partir da luta pela conscientização, de modo, a não apenas estar no mundo, mas perceber-se nele como capaz de modificá-lo, transformá-lo.

Para isso, é preciso esperar, a esperança é um processo composto por elementos e etapas. Esse evento pedagógico, em nosso entender, é um ato de esperar que apresenta a busca pela garantia de direitos à educação escolar de jovens e adultos que não tiveram acesso aos estudos em idade apropriada. Como ato de esperar, ele traz em seu bojo elementos importantes para a aprendizagem desse público.

Assim sendo, esse momento nos espaços de privação de liberdade se apresenta como possibilidades de melhoria do mundo no qual os estudantes tomam parte por meio da conscientização e de sua libertação intelectual, logo um ato esperançoso, como aquele que, de acordo com o Freire (2014), não se reduz à espera, mas se combina à ação. À luz do pensamento desse autor, essa esperança alimentada pela prática é necessária para se iniciar o embate em oposição àqueles que insistem em pensar que a educação escolar na prisão não é um direito, mas privilégio. Em nosso caso, o “aulão” como ato de esperança faz parte dessa incansável luta.

REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 90-113.
- MATO GROSSO. **Pró-escolas formação**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer, 2018.
- MATO GROSSO. **Portaria nº 161/2016/GS/SEDUC/MT, de 12 de abril de 2016**: institui o Projeto de Estudos e Intervenção Pedagógica (PEIP), o Projeto de Formação Contínua dos Profissionais Técnicos e Apoio Administrativos Educacionais (PROFTAAE) e cria o Núcleo de Desenvolvimento Profissional na Escola (NDPE). Disponível em: <http://www2.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/9121200/PORTARIA+N%C2%BA+161+-+DO.+14.04.2016.pdf/7cff69c2-da94-1bff-2716-f53f902cf972>. Acesso em: 25 out. 2020.
- MORAES, L. F. da S. **Necessidades formativas de professores que atuam nos espaços de privação de liberdade em Cuiabá e Várzea Grande-MT**. 2020. 234 p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12791?show=full&locale-attribute=en>. Acesso em: 25 out. 2020.

Luciana Ferreira da Silva Moraes; Elenice Maria Cammarosano Onofre

ONOFRE, E. M. C.; JULIÃO, E. F. Educação na prisão como política pública: entre desafios e tarefas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 51-69, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/05.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCARIOT, L. F. S. Moraes. **Práticas de leitura, escrita e letramento em uma penitenciária feminina em Cuiabá-MT**: a visão da professora e suas alunas. 2013. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/920/1/DISS_2013_%20Luciana%20Ferreira%20da%20Silva%20Moraes%20Scariot.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.

Recebido em: 29 out. 2020.

Aprovado em: 08 dez. 2020.